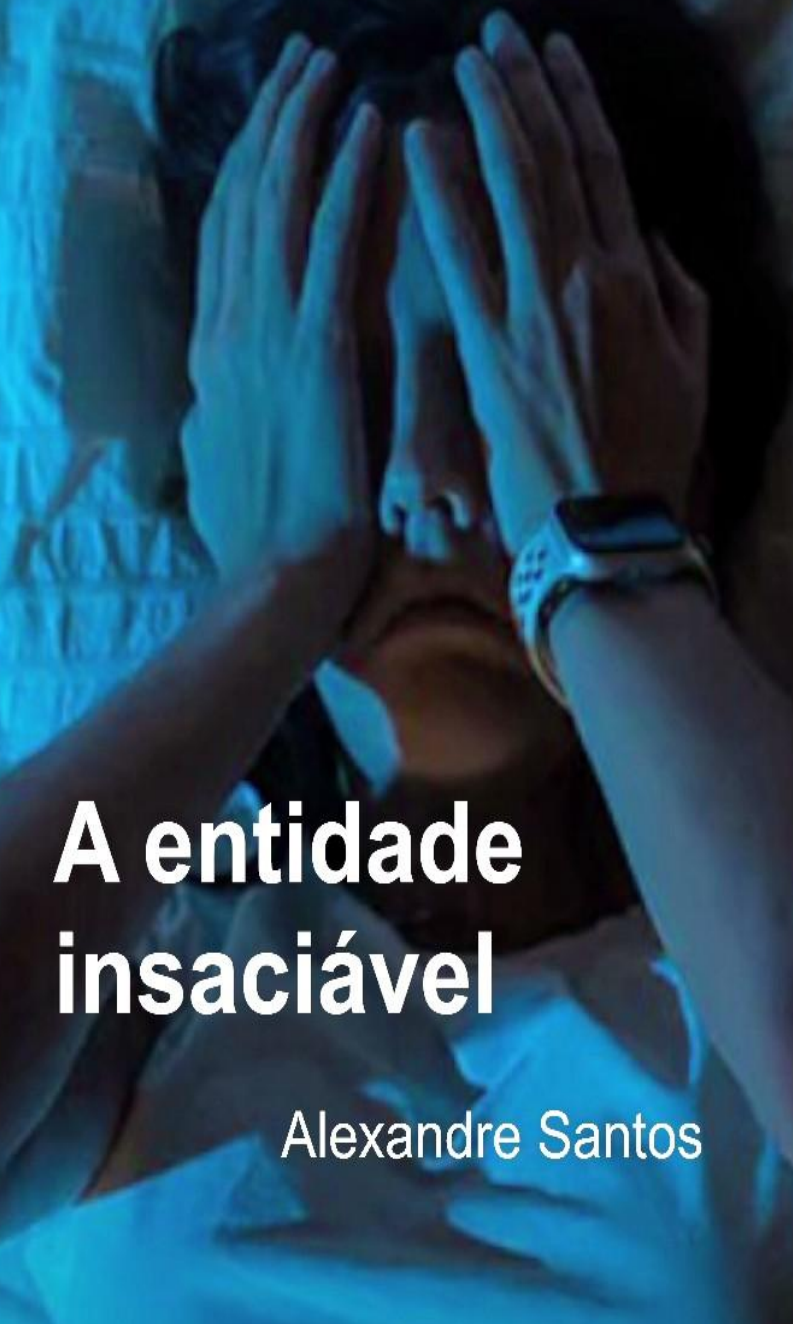


A person is lying down, their face partially obscured by two hands pressed against it. The scene is bathed in a strong blue light, creating a somber and mysterious atmosphere. The person's eyes are closed, and their mouth is slightly open. The hands are positioned symmetrically on either side of the face, with fingers spread. The person is wearing a dark-colored shirt. The background is dark and indistinct.

A entidade insaciável

Alexandre Santos

ALEXANDRE SANTOS

A ENTIDADE INSACIÁVEL



Copyright© Alexandre José Ferreira dos Santos



EDIÇÕES MOINHO



Organização associada à Câmara Brasileira de
Desenvolvimento Cultural.

Conselho Editorial

Alexandre Santos

Jacinto Almeida

José Kameniecki

Caio Porto

Carlos Newton Júnior



O mundo é repleto de mistérios

Embora baseado em história real, este texto
se insere no vasto campo da literatura
criativa e, neste sentido, é uma criação
artística produzida pela mente do autor e,
assim, qualquer semelhança com fatos ou
pessoas vivas ou morta não terá passado de
mera coincidência

Para aqueles que acreditam na força dos
seres espirituais com agentes de alegria e de
prazer

ALEXANDRE SANTOS

A ENTIDADE INSACIÁVEL

Introito

Este conto é baseado na notícia 'Médium é acusado de estuprar sobrinha e alega: “Não me lembro. Estava incorporado”, originalmente publicado no Diário do Centro do Mundo, em 17 de fevereiro de 2026, sobre a justificativa dada na 35ª Delegacia de Polícia, em Sobradinho I, no Distrito Federal, por um homem preso por estuprar a sobrinha de 17 anos. Naturalmente, inserido no vasto campo da arte literária, o conto não reproduz a peça jornalística. De fato, embora baseado no fato da vida real, o texto literário 'A entidade insaciável' relata aquilo que, segundo o autor, poderia ter acontecido ou como [o autor] gostaria que tivesse acontecido, tomando o fato relatado na notícia apenas como uma vaga referência.

Para melhor situar o leitor, antes de apresentar o conto 'A entidade insaciável', este opúsculo apresenta a notícia tal como foi veiculada pela mídia, possibilitando a comparação entre o texto jornalístico e o texto literário nele inspirado.

Notícia inspiradora

“Médium” é acusado de estuprar sobrinha e alega: “Não me lembro. Estava incorporado”

Publicado por Diário do Centro do Mundo - 17 de
fevereiro de 2026

A frase “Eu não lembro de nada. Estava incorporado” foi usada por um homem de 44 anos para tentar se justificar após ser preso em flagrante pelo estupro da sobrinha de 17 anos, na Quadra 18 de Sobradinho I, no Distrito Federal. O suspeito, que se apresenta como praticante de Umbanda e “médium”, alegou estar sob domínio de entidades

espirituais no momento do crime, argumento considerado sem amparo legal pelas autoridades, conforme informações da coluna Na Mira, do Metrôpoles.

Segundo depoimentos à 35ª Delegacia de Polícia, ele utilizou o pretexto de um “trabalho espiritual” para isolar a adolescente e cometer os abusos. Após o episódio, exigiu que a própria filha participasse do suposto ritual, mas a jovem recusou e acionou a Polícia Militar, que encontrou as vítimas em choque e realizou a prisão sem resistência.

A prisão em flagrante por estupro de vulnerável foi ratificada pela polícia, que destacou que crenças religiosas não excluem responsabilidade criminal. Sem antecedentes, o investigado pode enfrentar pena de até 15 anos de reclusão, conforme o Código Penal para crimes contra a dignidade sexual.

O conto

A ENTIDADE INSACIÁVEL

Mal chegara à redação quase deserta (onde estaria Susie?, sua colega de trabalho e confidente, normalmente muito pontual), Nanci foi chamada por Augusto, o redator-chefe do Correio da Madrugada, um jornal que muito lutava para sobreviver na selva que tomara conta do mundo editorial de Brasília. 'O que teria acontecido?' a jovem repórter se perguntou, já imaginando que, por estar só na redação, seria designada para alguma tarefa de última hora.

Recém formada em jornalismo, ainda em seu primeiro emprego como profissional, mesmo se sentindo um pouco insegura, Nanci era uma espécie de 'pau-para-toda-obra' e, eventualmente contrafeita, já fora testada em todas as editorias.

Naturalmente, ela tinha preferências e, quando lhe era dada a chance, escolhia assuntos de natureza política, econômica ou cultural, desprezando os esportes e as policiais. De qualquer forma, por todas as razões do mundo, inclusive porque precisava do emprego, não recusava missão (e costumava se sair bem em todas elas).

Confirmando suas expectativas, Augusto foi direto ao assunto e, sem prolegômenos, a mandou cobrir a prisão de um tarado na 35ª Delegacia de Polícia do DF. Este era um tema que definitivamente não agradava a Nanci, a qual, embora não admitisse, era conservadora ao ponto de guardar a virgindade como prenda de núpcias para o noivo na Lua de Mel. A careta feita por ela foi tão expressiva que o redator-chefe resolveu valorizar a matéria como forma de entusiasma-la.

- Este não é um tarado qualquer, Nanci. O tarado é um tal Mestre Dudê, um Pai-de-santo que, segundo o delegado, papou 12 filhas-de-santo. O homem é um fenômeno: passou na frente, ele come - disse o redator-chefe com um sorriso sarcástico - A matéria será capa da editoria de polícia.

Em sua curta vida de repórter, Nanci já vira muita coisa, especialmente na editoria de polícia, uma área pródiga em casos horripilantes e sanguinários. Se pudesse, Nanci teria declinado da indicação, mas não era o caso. Além da questão profissional, havia uma espécie de amor pelo jornal e, ainda, muito respeito pelo redator-chefe.

E, pronta para as anotações e, se fosse o caso, para gravações, lá foi Nanci para Sobradinho.

Não deveria ser um programa demorado. A comunicação encaminhada pela polícia à redação falava em uma entrevista coletiva do delegado responsável pela prisão do tarado e, na sequência, a apresentação do preso e, naturalmente, a chance de fazer algumas perguntas diretamente a ele.

Meia hora depois, Nanci estava na delegacia da cidade satélite Sobradinho II.

Não houve perda de tempo. Já cercado de jornalistas dos principais veículos da imprensa, o delegado estava prestes a começar a falar sobre o caso recém desvendado e, na sequência, apresentaria o criminoso à imprensa.

Com uma pontinha de orgulho pela rapidez como atuara para (segundo ele mesmo disse na abertura do pronunciamento) “livrar a sociedade de um criminoso sexual”, com a voz

pausada dos homens habituados aos púlpitos, o delegado relatou as principais fases do inquérito, desde a primeira denúncia - o desabafo da mãe de uma das jovens abusadas pelo Mestre Dudê e que, segundo ela própria confessara, também foi molestada pelo mesmo pai-de-santo anos atrás 'quando eu era viçosa e gostosinha', dissera ela - até a prisão do tarado na conclusão da minuciosa investigação, que contou com o testemunho de doze filhas-de-santo, cujas virgindades foram arrancadas pelo tal mestre durante momentos do transe próprios das sessões no Terreiro. As jornadas de fornicção se prolongaram por meses em maratonas sexuais que se repetiam semanalmente.

Como adiantou o editor-chefe Augusto, aquele era um caso surreal, pois, apesar de nunca ter negado o crime, o tarado se dizia inocente. A situação era muito estranha.

Depois de relatar a investigação, detalhando os pontos julgados mais importantes no seu entender, o delegado mandou buscar o Pai Dudê na carceragem, entregando-o às perguntas dos repórteres presentes.

- Por que o senhor fez isso? - um coro de jornalistas fez a mesma pergunta assim que ele sentou.

- Não foi eu. Sou inocente - o pai-de-santo respondeu com a voz melíflua dos efeminados, surpreendendo aqueles que não sabiam da sua orientação sexual.

- Como não foi o senhor? Todas as testemunhas dizem a mesma coisa - Nanci confrontou o tarado.

- Não fui eu. As filhas-de-santo estão dizendo a verdade, mas, sempre que aquilo acontecia, eu estava incorporado - e, com

trejeitos incompatíveis com a personalidade normalmente associada a um macho alfa, o pai-de-santo explicou que incorporava uma entidade muito vigorosa - Quando estou possuído por Eslesbão, não respondo pelas minhas atitudes.

Embora atendesse aos interesses jornalísticos da mídia, em termos concretos, a entrevista rendeu muito pouco, pois, demonstrando aquilo classificado como ‘cinismo extremo’, o Pai Dudê parecia não saber responder as perguntas, dizendo coisas desconexas, sem qualquer ligação com o crime.

Meia hora depois, já esvaziada pela inconsistência das respostas, a entrevista chegou ao fim, com a consequente diáspora dos repórteres. Quando Nanci arrumava a bolsa e se preparava para deixar a sala, o Pai Dudê falou

- Espere, Nanci - chamando-a pelo nome (como se já a conhecesse) com voz forte e profunda e sem os trejeitos afetados como se portara durante toda a entrevista - o Pai Dudê falou diretamente a ela - Você vai para onde? Preciso falar com você.

Paralisada por um calafrio que a eletrizou dos pés à cabeça, Nanci virou-se e encontrou os olhos do pai-de-santo mirando-a fixamente.

- Eu quero você - ele continuou com a voz profunda - Se prepare para mim.

A conversa parou ali, pois, com alguma rispidez, o pai-de-santo foi retirado da sala e reencaminhado à carceragem da delegacia.

De volta à redação, lembrando as coisas que anotara e, sobretudo, ouvira e sentira na 35ª Delegacia de Polícia do DF,

antes de escrever a primeira linha da matéria que, segundo o chefe da redação, seria a principal do caderno de polícia do Correio da Madrugada, Nanci foi tomada por uma angústia inédita. Uma angústia que a excitou e, em meio a tremores, abriu a torneira por onde jorraram líquidos que a deixaram lubrificada para algo que jamais acontecera. Em seu íntimo, ela sabia que, contrariando aquilo visto por todos, o ‘Eu quero você’ não fora pronunciado pelo Pai Dudê. Algo dizia a Nanci que, naquele momento, quem falara foi Elesbão.

E, com Elesbão na cabeça, escreveu a matéria solicitada pelo redator-chefe, encaminhando-a em seguida para publicação, como sempre fazia.

Em casa, pensando no ‘Se prepare para mim’ dito por Elesbão num looping interminável, Nanci rolou na cama, custando a dormir. Em algum momento, no entanto, foi

tomada pelo cansaço e adormeceu. Naquela noite, em experiência inédita foi visitada pelo incubo que, de todas as formas, afrontou a sua pureza e puritanismo, fazendo-a viajar por sensações inimagináveis. Nanci teve, então, certeza de ter conhecido Elesbão. Com vergonha de si própria, Nanci acordou diversas vezes durante a madrugada e, ao retomar o sono, Elesbão estava de volta, fazendo-a de gato e sapato. Quando despertou pela manhã, Nanci estava exausta, envergonhada e, estranhamente, feliz.

Ao chegar à redação do Correio da Madrugada, horas mais tarde, foi chamada pelo redator-chefe Augusto que, esbravejando, perguntou onde estava o pai-de-santo tarado. Só então ela leu a matéria que mandara para publicação. O texto dizia que, ao contrário daquilo apontado pela investigação, o pai Dudê

era inocente e não podia ser responsabilizado pela impetuosidade do santo Elesbão.

Naquela noite, Nanci rezou pela volta de Elesbão que, como nenhuma outra pessoa, sabia fazê-la dormir feliz.

(*) O escritor Alexandre Santos é ex presidente da União Brasileira de Escritores (UBE) e coordenador-geral do Canal Arte Agora.